

**MEMÓRIA DE BELÉM EM HISTÓRIA DE VELHOS:
ASPECTOS METODOLÓGICOS. CONTADORES E REPERTÓRIOS ORAIS**

Profa. Dra. Josebel Akel Fares - UEPA

Ouvem-se, freqüentemente, frases que apontam para a desmemória das cidades brasileiras. O patrimônio cultural deteriora-se por falta de uma educação que valorize as manifestações poéticas do homem. Caem prédios, casas de espetáculos deterioram-se ou desativam-se, repertórios culturais de diferentes manifestações artísticas somem, os grandes mestres são esquecidos. Os registros da memória cultural de cidades amazônicas são poucos, e os que existem são frutos de esforços e de desejos individuais de pesquisadores e de ínfimos grupos de trabalhos de universidades e instituições de pesquisa da região.

Movidas por esta situação de desmemória das cidades, em 2004, o grupo de pesquisa “Culturas e Memórias Amazônicas” elaborou o projeto “Memória de Belém em Histórias de Velhos”¹ e iniciou uma pesquisa com idosos do Asilo Pão de Santo Antônio, com o objetivo de recuperar memórias de cidade de Belém, nos anos 40 a 60 do século XX, e, de alguma forma, contribuir para o reconhecimento da história da cidade do ponto de vista artístico-social. Nesse projeto, entrevistou-se 10 idosos², nascidos entre 1913 a 1942, no período de novembro a dezembro.

A “gostosa Belém de outrora”, para parafrasear o escritor De Campos Ribeiro, é revista, como se vê, por cidadãos comuns - trabalhadores, donas de casa – pessoas advindas de classes sociais mais abastadas e das classes populares. Eles contam das ruas, dos bairros, das moradias, dos equipamentos urbanos, dos transportes, da saúde, das escolas, das profissões, das comunicações, dos divertimentos, do lazer e da arte, da moda, dos momentos e das figuras políticas.

O projeto desdobrou-se em 2005. Os resultados apontaram para a necessária continuidade da pesquisa, daí para melhor configurar o município, pensou-se em aprofundar as categorias propostas e prosseguir a pesquisa, a partir da voz de pessoas que tiverem

inserção na vida artística de Belém, no período supracitado, daí elaborou-se um projeto de continuidade “Memória de Belém em testemunho de Artistas”. A partir da convivência com os idosos do Asilo Pão de Santo Antônio notou-se a carência de atividades artístico-culturais e de lazer no espaço e o desejo dos moradores de convívio com atividades artísticas. Entendendo assim, o grupo implantou o Projeto de Extensão “Arte no Pão”, que, ao mesmo tempo, “devolve” a contribuição dos idosos, sujeitos diretos ou não, da pesquisa, intercambia experiências entre gerações – velhos, universitários da UEPA, artistas – e, conseqüentemente, proporciona uma experiência educativa viva, eficaz, pois entendendo o idoso como bibliotecas vivas, o contato com ele proporcionará um saber sem amarras pedagógicas, e plenos de referências de tempo, espaço, sabedoria ...

Alguns procedimentos metodológicos

Os pressupostos metodológicos assentam-se na história oral e são consideradas algumas questões, relacionadas aos instrumentos, à coleta e à análise.

- Pesquisa em arquivos de bibliotecas, filmotecas, hemerotecas, e outros, sobre os temas e a biografia das testemunhas, antes da definição do roteiro das questões específicas.
- As entrevistas são do tipo semidirigidas, que correspondem ao meio termo entre o monólogo ou o interrogatório direto. Ou seja, não fica presa a um roteiro pré-estabelecido, como no caso da entrevista dirigida, nem totalmente livre como no caso da não-dirigida. Parte-se de uma conversa preliminar, em que se esclarecem os interesses de ambos os lados e dar-se ao depoente ciência do teor da entrevista.
- Atendo-se a alguns cuidados, para não se perder a espontaneidade, questão básica para as entrevistas-testemunhos, cabe escolher certo número de perguntas comuns a todos os depoentes, para que posteriormente se tenha elementos para proceder análises comparativas. Contudo, à medida que a entrevista avança e que a

relação de confiança entre entrevistado-entrevistador se estabelece, algumas questões se tornam mais relevantes que outras, e, então, o roteiro inicial, salvaguardando questões essenciais ao projeto, modifica-se, uma vez que as respostas fornecem novas pistas para outras perguntas.

- O tempo de cada sessão de entrevistas não deve ultrapassar duas horas, principalmente considerando-se a idade dos depoentes. Porém, isto não implica que a entrevista se esgote em uma única sessão, visto que, um tempo depois, a testemunha pode lembrar de algo que considere importante e queira completar o depoimento ou o entrevistador precise de explicações de aspectos que não ficaram muito claros na fala da testemunha. Este segundo encontro ainda pode servir para recuperar dados perdidos por questões técnicas ou não compreensíveis devido a ruídos na comunicação.
- A transcrição é uma das tarefas mais árduas numa pesquisa. Estima-se que se consuma, mais ou menos, seis vezes mais tempo do que o gasto na gravação. Nesta tradução do código oral para o escrito, perde-se a percepção da entonação da ênfase, da dúvida, do riso, entre outros elementos próprios da prosódia, no entanto é imprescindível se ter sempre em mão essa transcrição, no momento de análise, e mesmo que se volte à gravação, ela nunca trará de volta a performance, pois este momento é único. Daí, para minimizar o problema, deve-se transcrever o quanto antes as entrevistas e, sempre que possível, esta tarefa deve ser executada pelo entrevistador.
- Em um segundo momento, a entrevista transcrita deve ser submetida a testemunha, que poderá acrescentar, suprimir, corrigir, completar, tornando-a mais rica. A partir daí, liberar o uso de voz e imagem. Caso isto não aconteça, o depoente será identificado por pseudônimo.

- Quanto aos procedimentos de análise do material testemunhal, inicialmente considera-se as categorias: bairro, rua e moradia; serviços urbanos; circulação e transporte; saúde; escolaridade e profissão; comunicação, divertimento, lazer e arte; moda; namoros, amores, casamentos, sonhos; política: fatos, momentos e figuras políticas, referente às perguntas consideradas essenciais nas entrevistas. Posteriormente, se analisará questões surgidas isoladamente, mas consideradas importantes para o contexto cultural da cidade, nos meados do século XX. Nesta etapa são analisados os tecidos dos discursos, cotejados os depoimentos orais entre si e, sempre que houver, com outras fontes orais, escritas ou audiovisuais.
- Por fim, guardados os cuidados com os termos de cessão de voz e imagem, entende-se que os relatórios da pesquisa, o material visual, as transcrições e as fitas gravadas, devidamente identificadas com os dados dos depoentes (nome, data e local do nascimento, forma de expressão artística desenvolvida), dos entrevistadores e dos bolsistas, devem fazer parte do acervo da seção audiovisual da Biblioteca Central da Universidade do Estado do Pará.

Este trabalho, ratificando o que já foi dito, considerará critérios éticos de uso da imagem e da voz, como a autorização prévia para fotografar, filmar e veicular o material, entre outros. Os depoentes da pesquisa guardam o direito desta liberação.

Contadores e repertórios orais

A categoria comunicação foi apresentada aos intérpretes da pesquisa por meio de perguntas referentes à leitura e escrita, ao ouvir e narrar, ao rádio e televisão: 1. Leitura: o gosto, tipos de leituras literárias e as leituras preferidas. Revistas e jornais da época e as preferências. O gosto pela escrita e a escritura de cartas. Repertório de histórias e os narradores. 2. Programas de rádio, audição, envio de mensagens radiofônicas, tipo de programa, as preferências. As radionovelas, os atores, os peças. Os comerciais veiculados. As mudanças

ocorridas com a chegada da televisão. Televisão e televizinho. Tipos de programas e os preferidos. Devido ao tema do Simpósio “Literatura oral e popular: identidades, discursos e metodologias”, apresento, rapidamente, apenas alguns dados da análise sobre o ouvir e o narrar.

Antes do advento da chamada literatura infantil, a criança era considerada como adulto-pequeno, não se separava os dois mundos, a ascensão da burguesia e as discussões em torno de infância modificam essa atitude: os “pequenos” passam a ocupar um mundo diferente do dos “grandes”. Então, o universo infantil não mais se imiscui no universo adulto, a escuta das conversas de adultos é interdita, os olhares reprovam a ação: “quando estava na vizinha conversando com a minha mãe ou minha avó, as crianças não podiam se aproximar, só costumavam olhar, as crianças sabiam e se afastavam. Eu não escutava conversa” (O).

Todavia, se a audição das conversas entre adultos era proibida para as crianças, no momento em que o apelo é o encanto das viagens sobrenaturais, fantásticas, maravilhosas, proferido por contadores, esses universos convivem harmonicamente. No medievalismo, por exemplo, as rodas de histórias, geralmente, conduzidas por vozes de adultos, eram reconhecidas como os serões e aconteciam em volta das fogueiras. Ali se narravam peripécias de cavaleiros e trazia-se o labor cotidiano, como forma de evasão do duro mundo do trabalho. Não havia histórias específicas para crianças, por isso lhes era permitido participar desse evento contaminado de magia e de aspereza.

A despeito da afirmação de W. Benjamim (1993, p.197-221)³ sobre a morte do narrador oral, o Brasil ainda é um país de prevalência vocal, e, mesmo nas grandes metrópoles, onde se presume a inexistência de narrativas tradicionais, elas continuam a fluir com o mesmo caráter admoestador e o mágico ainda traz o apelo popular. Observe-se, por exemplo, a narrativa da Loura do Banheiro, muito contada nas escolas de São Paulo. A fábula conta da existência de uma personagem loura que aparecia morta, inclusive com algodão no nariz, nos banheiros das escolas paulistas e era contada como forma de assustar crianças e adolescentes, presumindo-se o uso do banheiro para outros fins.

Na Amazônia, conta-se nos cantos, nas portas, nas calçadas, nos bancos, e, quanto mais se adentra a mata ou se abeira o rio, mais o repertório enriquece e se avoluma. Os contadores dos casos, e não dos “causos”, como se costuma falar para imitar a pronúncia cabocla, são pessoas mais experientes, em geral, mais velhas, mas mesmos os jovens, que, muitas vezes, negam esse tipo de conhecimento por pleitearem experiências “modernas”, trazidas pelos meios de comunicação de massa, não se afastam desta rede de signos que representa a tradição.

Entre os intérpretes da pesquisa, quando perguntados sobre a audição de histórias, apesar de pouca memória dos repertórios narrativos, nenhum negou o gosto de ouvi-las. E confessam que em toda comunidade alguém assume a função de repassador do anel da tradição. Assim, os narradores podem ser os pais os avós, uma tia, um vizinho, a professora, e todas essas figuras são partes do grupo do afeto do ouvinte.

Joana lembra do pai e do tempo de contar: “Ah, o papai [contava]. Às vezes, as pessoas ficavam conversando, se juntava na boca da noite pra conversar e contavam histórias” (J). Yolina afirma que sempre teve alguém para contar na família “ou a vovó, ou uma tia, às vezes, a professora mesmo que contava histórias”(Y). Florinda revela a presença dos empregados da casa dos pais, como os narradores das experiências vividas:

Por incrível que pareça, nossos próprios empregados, que sentavam e contavam, até o modo deles, como era na terra deles, é o sítio deles, tudo eles contavam, era muito bonito e ia deixando a gente com gosto pra saber das coisas, pela cultura deles e por saber (F).

Osvaldino comenta que a narradora de sua infância era a avó, conta da ambiência noturna do espaço público e do privado. Recorda a Belém da luz de lamparinas, candeeiros, lampião:

Tinha lá nas ruas, naquele tempo a população era pequena, eles dormiam cedo, não tinha luz, era lamparina, ou candeeiro, ou então lampião. O lampião tinha que trocar o carbureto. Nós tínhamos em casa. Era uma luz boa, não tinha luz elétrica no interior e aqui em Belém tinha, mas era deficiente, só ia melhorar de dez horas da noite, é. E ela [a avó] contava muita história. Fazia roda pra contar história (O).

Na ausência dos avós, Terezinha revela que eram sempre os mais velhos que embalavam as histórias marajoaras de sua infância. No entanto, quem as contava, além da mãe e da tia, era a irmã mais velha:

como eu não conheci meus avós, eu só conheci o meu avô materno, os outros eu não conheci, então, as tias contavam também muita história, a mamãezinha, a mãe contava história pros filhos e, às vezes, repetiam a mesma história, sabe? Eu lembro que, às vezes, a minha irmã mais velha, ela era como uma mãe pra mim, ainda é, ainda é viva [...] Então, essa minha irmã mais velha, ela queria me mandar, queria me governar, sabe? Às vezes ela era assim. Mas, ela contava histórias pra mim e ela lia, eu não sabia ler, eu ainda era pequena (T).

Os repertórios variados indicam a presença de contos de fadas, como a Branca de Neve, marcantes para Yolina e Florinda: “são histórias do tempo antigo, de reis, de rainhas, de princesas”(F). Todavia, as mais recorrentes referem-se a aparições de entidades sobrenaturais, como visagens assombrações, surgidas das águas, das matas.

Das assombrações, lembra Terezinha do bicho da língua de fogo, que a irmã contava para amedrontá-la e que depois não conseguia mais dormir sozinha:

E ela me contava história assim que eu lembro, que tinha um bicho, que tinha língua de fogo, olho de não sei o quê. E quando chegava a noite, eu me lembrava da história que ela me contava e não dormia, aí eu inventava que tava com dor no ouvido, tava com dor assim, que era pra virem e estar perto de mim (T)

Maria José, Joana e Osvaldino também relatam sobre repertórios que têm a supremacia de conhecidas personagens do lendário amazônico: matintaperera, botos, cobras encantadas.

Assim, Joana assegura que

contavam histórias das pessoas que viram lobisomem, história das pessoas que viram matintaperera, contavam histórias dos espíritos encantados que se tornam pessoas pra aparecer pra outras pessoas, contavam história do boto, contavam muita história que eu não lembro agora (J).

Maria José narra sobre o repasse da tradição da matinta em Baião, suas experiências familiares e justifica que mesmo que no enterro de sua mãe tenha chovido, ela não era uma entidade encantada.

Eu ouvia historia de matintaperera, é que se vai virar mocinha, quando estão mocinhas novas vão lá pra Baião, diz que lá é que é a escola de aprender a ser matinta pereira, assim eu ouço falar, é que as moças aprendem a assoviar que nem a matintaperera, de noite elas aparecem trepada nos muros, nessas casas que só tem meia parede, elas trepam.

É o que contam, né, mas assim que eu não acredito, mas isso de dizer que quando a mãe da gente morre e chega a hora do enterro chove, eu acho que é saudade de Deus para os filhos. Ainda mais, quando deixa pequeno, como a mamãe deixou, esse de peito com 6 meses, eu com 4 anos e minha irmã com 2 - essa que mora pra Pedreira - , teve 4 filhos, ainda ganhou mais um recém-nascido... e nunca fez nada pra matar os filhos, pra tirar do ventre

Osvaldino ouviu da avó muitas histórias e narrou algumas em que participou, muitas delas caracterizadas pela metamorfose homem X bicho e acontecidas na água, como a

cobra de chifre, que aparece duas vezes para o narrador, e a que conta que os botos são pessoas que morreram afogadas.

Agora tem uma coisa que eu vi com meus olhos, isso eu vi. A aparição de botos. Dizia minha avó que aquilo eram pessoas, que morriam afogadas, e virava boto. Porque tinha boto macho e boto fêmea. Então, aparecia nas pontes, trapiches, no interior, [que] tinha muito pra poder atracar as canoas e abastecer. Meu avô tinha naquela época um comércio, um comércio menor que era pra abastecer as pequenas embarcações que iam pro rio acima .

Então, eles a noite, tempo de luar bonito, parece dia, eles iam lavar as pontes, lavando, escovando a ponte [...], jogando água, água caindo pelas frestas da ponte. Então, eu me acordei com aquele barulho, eu dormia no quarto com minha mãe, os outros irmãos menores dormiam nos outros quartos, porque a casa era grande. Só o meu avô tinha onze filhos, então era grande a casa, cheia de quartos e janelas, casa colonial.

Então, eu ouvi aquele barulho, aí eu bati na minha mãe e disse assim:

- “Mãe tão lavando a ponte”.

Aí ela disse assim, ela dizia pra mim:

- “Não vai olhar não, é visagem.”

Mas eu era abelhudo, fui olhar pela fechadura e ela falou:

- “Vai deitar!”

E, eu vi eles lavando, tudo bem vestido. Naquele tempo, o luxo era chapéu de palhinha com cinta preta ao lado e um laçinho. É a moda e o sapato era preto e branco, sapato de luxo.

Porque dizem os antigos, que as pessoas que morriam afogadas em desastres marítimos viravam boto, viravam gente encantado e eu acreditei nisso e vi.

Muitas histórias ainda foram contadas, o repertório é longo, porém o espaço é curto. Continuamos a conversa, apresentaremos algumas (in) conclusões, no Simpósio, oralmente.

¹ Equipe: Josebel A. Fares; Venize Rodrigues (profas); Elaine Riker, Marcela Nogueira e Mery Oliveira (discentes)

² Oswaldino Ferreira de Oliveira (1913 ?/O); Florinda Bastos da Cunha (1916/ F); Raimunda da Silva Nazaré (1919/ R); Mário Nazareth de Souza (1923/ M); Raimunda Yolina Souza Erreira (1926/2005/ Y); Maria José Amaral (1927/ MJ); Terezinha de Jesus Monfredo Silva (1930/ T); José Sales (1934/ JS); Joana Graça da Conceição do Espírito Santo (1937?/ J); João Souza Sarmanho (1942/ S).

³ Benjamin, Walter. O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. Em **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. 6 ed. São Paulo: Brasiliense, 1993 (Obras Escolhidas, vol.I).